

## **Jiu-jitsu na escola: primeiros ensaios em uma perspectiva cultural**

Prof. Clayton Cesar de Oliveira Borges

Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Ida Yolanda Lanzoni de Barros

As alunas e alunos dos 5º anos A e B da Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Ida Yolanda Lanzoni de Barros, localizada na Vila Zacarias, região periférica de Sorocaba (SP) começaram a estudar o jiu-jitsu no primeiro semestre de 2013. Como se pode notar no título deste relato de experiência, trata-se de um dos primeiros ensaios<sup>1</sup> que tematizo uma manifestação da cultura corporal a partir dos pressupostos da Educação Física cultural.

A escolha da manifestação se deu através de um mapeamento<sup>2</sup> realizado no ano anterior. Na época, identifiquei que alguns alunos praticavam em uma igreja evangélica localizada no bairro, onde alguns professores de jiu-jitsu ministravam aulas voluntariamente. Devido à falta de familiaridade, relutei a princípio em trabalhar com esse tema, no entanto, me propus a pesquisar a respeito em alguns sites e também busquei informações com alguns colegas que treinam e dão aulas.

Elegi como objetivo do trabalho que alunas e alunos ampliassem o conhecimento a respeito da modalidade. Quanto às expectativas de aprendizagem, não as defini logo de início, por compreender que a tematização poderia seguir diversos caminhos. Os caminhos trilhados foram se desenhando no sentido de apresentar às alunas e alunos algumas modificações históricas na manifestação, além da identificação de alguns artefatos como, por exemplo, golpes, regras, vestuário, graduação e rituais que fazem parte dessa manifestação da cultura corporal. Também problematizamos questões que relacionavam a prática do jiu-jitsu (e de forma geral - as lutas) com preconceito e discriminação contra as mulheres.

Descrevo a seguir como se deu o trabalho com o 5º ano B. No entanto, destaco que em alguns momentos, como na descrição de uma visita a um centro esportivo, as duas classes (5º ano A e B) se encontravam presentes. Para iniciar o trabalho, expliquei à turma o tema que iríamos estudar no semestre. Mostraram-se animados com a proposta, já que

---

<sup>1</sup> Utilizo o conceito de ensaio com base no teórico espanhol Jorge Larrosa. Para Larrosa (2004), mais do que um gênero de escrita, trata-se de uma operação, que permite exercitar mudanças na maneira de organizar o pensamento, a vida e, portanto, creio que também na prática pedagógica.

<sup>2</sup> O mapeamento trata-se de uma das orientações didáticas sugeridas na perspectiva cultural da Educação Física. O intuito é coletar informações sobre o patrimônio cultural corporal da comunidade escolar (NEIRA; NUNES, 2006). Neste projeto, adotei como estratégia para realizar o mapeamento um questionário e a conversa com os alunos. Destaco ainda, que leciono há aproximadamente 7 anos na escola, o que me ajuda a conhecer o patrimônio cultural corporal da comunidade.

é um tema que não havia sido estudado nas aulas de Educação Física dos anos anteriores. Alguns alunos questionaram o motivo da escolha, expliquei que em uma pesquisa que eu tinha realizado no início do ano anterior, um mapeamento a respeito das práticas corporais que as alunas e os alunos vivenciavam fora do ambiente escolar, o jiu-jitsu havia sido bastante citado.

Após esse esclarecimento, procurei identificar o que o grupo sabia sobre o assunto e obtive como respostas: “É um tipo de luta”; “É uma luta que usa kimono”; “É uma briga”, “É UFC”. Questionei também qual a diferença do jiu-jitsu comparado a outras lutas. Sabendo que havia alguns alunos que eram praticantes dessa manifestação corporal, solicitei que falassem para os colegas um pouco sobre o jiu-jitsu. Explicaram que não podia dar chutes e nem socos, somente golpes para imobilizar o oponente. Propus que me auxiliassem no decorrer das aulas, com relatos e demonstrações a respeito de suas experiências relativas ao tema. Todos se mostraram bastante entusiasmados em demonstrar seus saberes aos demais colegas.

Nas aulas seguintes apresentei um documentário intitulado “História do jiu-jitsu<sup>3</sup>” que ilustra uma narrativa sobre a origem, sua introdução no Brasil, como foi modificado pela família Gracie e, posteriormente, como a arte marcial foi difundida através do *Ultimate Fighting*, criado por Rorion Gracie. Propus à turma que identificasse nos vídeos como o jiu-jitsu chegou ao Brasil e o que levou Hélio Gracie a modificar alguns dos golpes tradicionais.

Conversamos sobre os vídeos nas aulas seguintes. De modo geral, em suas interpretações, relataram sobre a introdução no Brasil por Mitsuyo Maeda e explicaram que devido à certa fragilidade física, Hélio Gracie sentiu a necessidade de modificar alguns golpes para compensar uma possível desvantagem no momento da luta.

Um fato que chamou a atenção foi a fala de uma aluna, questionando se as meninas iriam participar também das lutas, já que nunca tinha visto um campeonato ou luta de jiu-jitsu feminino. Disse-lhe que existiam campeonatos femininos, entretanto, assim como ocorre em praticamente todas as demais modalidades esportivas, há um destaque maior à participação masculina. Ressaltei também que uma colega do 5º ano A era praticante e inclusive iria me auxiliar nas aulas, demonstrando golpes e comentando com os demais colegas a respeito de sua vivência. Combinei que iria convidá-la para que em algum momento viesse conversar com o grupo. O questionamento da estudante levou-me a

---

<sup>3</sup> História do Jiu-jitsu é um documentário produzido por Alex Gutenberg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4OIQHhCxGsE>

buscar algumas informações a respeito de campeonatos e da participação feminina no jiu-jitsu. Selecionei e apresentei dois vídeos<sup>4</sup> com entrevistas com a lutadora Kyra Gracie, além de imagens de campeonatos femininos<sup>5</sup>. Em um dos vídeos, Kyra Gracie relata que mesmo fazendo parte de uma família tradicional no Jiu-jitsu, houve resistência no início, pois, de acordo com a lutadora, trata-se de uma família machista.

A partir do vídeo, problematizei a respeito da participação feminina. Algumas alunas e alguns alunos, embora não se opusessem ao envolvimento das mulheres nos esportes, entendiam que o homem sempre se sobressai e citavam o exemplo do futebol. Questionei se não seria reflexo da maior participação dos meninos no esporte, que geralmente são incentivados a jogar futebol ou outra modalidade desde pequenos, enquanto as meninas, além de não serem incentivadas, por vezes, são vítimas de preconceitos por participarem de modalidades esportivas consideradas masculinas.

Nesse momento, uma das alunas disse que sua irmã jogava futsal e que sem dúvida, jogava melhor do que qualquer menino da sala. Como os meninos conheciam a irmã da aluna e reconheciam sua habilidade, ninguém a questionou, ao contrário, afirmaram que realmente ela “jogava muito”. Mesmo assim, alguns alunos compreendiam que se tratava de um caso isolado e que em geral os meninos são melhores no esporte. Alguns, em tom de deboche, afirmavam que as meninas não “teriam vez” nas lutas. As meninas, por sua vez, revidaram e disseram que no momento das lutas “acertariam as contas”.

Nas aulas seguintes, partimos para as vivências. Combinei com a classe como seria a organização das aulas. Na falta de tatames, adaptamos alguns colchões e colchonetes para realizar as vivências. Os alunos que praticavam a modalidade me auxiliaram, demonstrando golpes e ensinando-os aos demais colegas. Também explicaram como eram os treinamentos.

Nas aulas, as alunas e os alunos vivenciaram as lutas e alguns golpes/técnicas como guarda, passagem de guarda, montada, raspagem, finalização, 100 kg e *arm lock*. Destaco que a estratégia de vivenciar algumas técnicas não teve o intuito de fragmentar a modalidade ou ainda aprimorar as habilidades como preconizam, por exemplo, as teorias curriculares psicomotora e desenvolvimentista. Como colocam Neira e Nunes (2006, p.

---

<sup>4</sup> Trata-se dos vídeos Sensei Sportv - Especial com Kyra Gracie. Disponível em: <http://youtu.be/cF7pyJ-pY8o> e TV Faixa Preta - Entrevista Kyra Gracie. Disponível em: <http://youtu.be/YjBHdYAhTE>

<sup>5</sup> Tammy Griego (Gracie Barra) vs. Gabrielle Garcia (Alliance) - IBJJF Pan 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jJe7Zg8EO5I> / Kyra Gracie vs. Sara Svensson - ADCC 2011 world championships. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=6Wg-PBEYxG4>

200), é importante “valorizar a dimensão expressiva dos movimentos, [...] entendidos como linguagem, e isso só poderá ocorrer no interior das manifestações da cultura corporal” e não em recortes, fragmentos de movimentos presentes nas manifestações da cultura corporal.

Em conversa com a classe, optaram por vivenciar alguns golpes/técnicas por compreenderem que isso tornaria a luta mais atrativa. Em algumas aulas, além do auxílio de alunos também recorri a vídeos<sup>6</sup> para demonstrar determinados golpes de jiu-jitsu. Nas vivências, por inúmeras vezes as meninas enfrentaram e venceram os meninos nas lutas. Em alguns momentos foi necessário intervir devido à rivalidade que foi criada por conta da fala dos meninos no início das aulas. O que ocorria é que os meninos não aceitavam quando as meninas venciam as lutas.



---

<sup>6</sup> Golpes para exame de faixa. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iKZmh5aO3p0> / Técnicas para iniciantes Jiu-jitsu. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zMDVIuiD7YA>



Esse acontecimento gerou debates. Conversei com as alunas e alunos que a intenção das vivências não era verificar uma suposta superioridade das meninas ou dos meninos e que eventualmente os meninos ganhariam algumas lutas e as meninas ganhariam outras lutas. Questionei também se esse incômodo dos meninos quando perdiam para as meninas não seria reflexo da sociedade machista<sup>7</sup> em que vivemos.

Alguns alunos não compreenderam muito bem minha fala e questionaram o que seria isso? Expliquei que uma sociedade machista é aquela que privilegia o homem em detrimento da mulher. Aproveitei o questionamento e sugeri uma pesquisa a respeito do assunto, mais especificamente, sobre a participação feminina nos esportes. Para realizar a pesquisa, agendamos um horário em um centro de inclusão digital que oferece acesso gratuito à internet<sup>8</sup> (Sabe Tudo), localizado ao lado da escola.

Nas aulas seguintes, a classe apresentou a pesquisa. Nas exposições destacaram, por exemplo, que a participação feminina no esporte era proibida devido a uma suposta fragilidade física ou, ainda, a discursos que consideravam que as mulheres se tornariam masculinizadas. Alguns grupos destacaram também as dificuldades e preconceitos que as mulheres tiveram que superar para praticar esportes. Na sequência, debatemos sobre as exposições. De modo geral, mostraram-se surpresos com a proibição e as dificuldades

---

<sup>7</sup> Existem diversas explicações a respeito do machismo. Grosso modo, se caracteriza por uma maneira de pensar e agir que coloca os homens como detentores de poder sobre as mulheres.

<sup>8</sup> O Sabe Tudo é um centro de inclusão digital mantido pela Prefeitura de Sorocaba que oferece gratuitamente cursos de informática e acesso à internet. Atualmente, a cidade dispõe de 30 unidades do Sabe Tudo, localizadas ao lado de escolas municipais e estaduais.

historicamente enfrentadas pelas mulheres em praticar esportes, validadas, inclusive, cientificamente. Avalio que essa atividade proporcionou uma melhor compreensão da minha fala a respeito da sociedade machista em que vivemos.

Após as exposições e problematizações, retomamos as vivências que foram seguidas de uma visita ao local onde ocorrem os treinamentos de jiu-jitsu no bairro. O intuito era ampliar o conhecimento a respeito do jiu-jitsu e para isso propus que entrevistássemos professores e praticantes. No entanto, como os treinamentos ocorriam somente no período noturno, o horário ficaria inviável para a maioria dos alunos.

Diante da impossibilidade, consegui agendar uma visita a um centro esportivo que tem aulas regulares de jiu-jitsu. Conversei com o professor (um colega de trabalho) que o objetivo da visita era fazer uma aula experimental e entrevistar os praticantes dessa modalidade com a intenção de ampliar os conhecimentos a respeito do tema. Agendada a visita, elaboramos as questões para a entrevista. Após algumas conversas, finalizamos o questionário:

1. Com que idade você começou a praticar jiu-jitsu e quanto tempo tem de prática?
2. Quanto tempo demora para mudar de faixa/graduação? E para chegar até chegar a faixa preta?
3. Você já se machucou nos treinos ou campeonatos?
4. Qual o golpe mais difícil?
5. Já usou algum golpe de jiu-jitsu em alguma briga de rua?
6. Já sofreu algum tipo de preconceito por lutar jiu-jitsu?
7. Quantas meninas treinam jiu-jitsu aqui no centro esportivo?
8. Como são os treinamentos?
9. Quais as principais regras?

No final do mês de maio realizamos a visita. Os alunos e alunas gostaram bastante da aula experimental, conheceram alguns rituais da modalidade como, por exemplo, a troca de faixa/graduação, a entrada e saída do tatame e os cumprimentos. Logo após a vivência, realizaram a entrevista de acordo com as questões elaboradas previamente. Combinei com a classe que o questionário seria um apoio, caso surgissem outras dúvidas poderiam perguntar. Na entrevista, além das questões formuladas, perguntaram a respeito do ritual de graduação. Alguns ficaram impressionados já que os lutadores que graduavam recebiam “faixadas” nas costas dos demais colegas, em uma espécie de corredor polonês.

Os praticantes explicaram que se tratava de uma tradição da modalidade e consideravam a prática normal.

Um fato que chamou a atenção, possivelmente pelas discussões anteriores nas aulas, foi à participação feminina. Perceberam que havia apenas uma menina no treino, embora ela tenha dito que havia outras meninas, mas, como se tratou de uma aula especial, somente ela compareceu. Mesmo assim, comentou que o número de meninas é bem inferior ao dos meninos. Outro fato que também chamou a atenção dos alunos foi a disciplina dos praticantes na aula. Disseram que ninguém conversava, não havia bagunça e todos seguiam as orientações à risca. O professor explicou que, assim como em outras artes marciais, a disciplina rígida faz parte da filosofia do jiu-jitsu.

Na aula seguinte, realizamos uma avaliação a respeito da visita e assistimos a gravação feita por uma aluna da entrevista e de alguns momentos das vivências. Avaliaram o passeio como muito positivo e destacaram o aprendizado de elementos novos, especialmente os golpes, o ritual de graduação, a participação em campeonatos, além dos relatos dos praticantes durante a entrevista. Na sequência, realizamos mais algumas vivências e em meados de junho finalizamos o projeto.

Como se trata de um dos primeiros ensaios na perspectiva cultural, conseqüentemente, ocorreram mudanças que considero significativas em minha prática pedagógica. Dificuldades<sup>9</sup> se fizeram presentes como, por exemplo, a resistência de alguns alunos por atribuírem às aulas de Educação Física um sentido eminentemente prático, significação que acredito ter contribuído, já que eram meus alunos há vários anos.

Como fator positivo, destaco que a partir das problematizações e vivências, alguns discursos preconceituosos a respeito da participação feminina nos esportes se desestabilizaram. Por fim, ressalto também que as estratégias adotadas permitiram uma ampliação dos conhecimentos dos alunos acerca dos artefatos que compõem o jiu-jitsu.

---

<sup>9</sup> Isso não significa afirmar que com maior experiência na perspectiva adotada as dificuldades eventualmente deixarão de existir.